

Resenha: *A confissão da leoa* de Mia Couto

Por Igor Fernando Xanthopulo Carmo¹

“Deus já foi mulher”, assim se inicia o último romance de Mia Couto. Publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 2012, *A confissão da Leoa* traz as inconfundíveis marcas literárias do escritor moçambicano. O abalo entre as fronteiras da ficção e da realidade, a fusão do discurso narrativo e da linguagem poética e o conflito entre o universo ancestral e a herança colonial continuam presentes na criação do autor. Inspirada em uma experiência real, o mote da obra é o ataque de leões a uma pequena comunidade no norte de Moçambique. Entretanto, o episódio se desenvolve como pano de fundo para iluminar tanto questões existenciais, como a morte e a loucura, quanto impasses sociais e históricos ao refletir a condição da mulher e as marcas deixadas pela colonização e pela guerra.

O escritor explica, nas primeiras notas, que o romance surge de sua experiência como biólogo:

“Em 2008, a empresa em que trabalho enviou quinze jovens para atuarem como oficiais ambientais de campo durante a abertura de linhas de prospecção sísmica em cabo Delgado, no Norte de Moçambique. Na mesma altura e na mesma região, começaram a ocorrer ataques de leões a pessoas. Em poucas semanas, o número de ataques fatais atingiu mais de uma dezena. Esse número cresceu para vinte em cerca de quatro meses.”

Inspirado neste caso, Mia Couto acrescenta, ainda, que as personagens da trama foram baseadas em pessoas reais. Entre as personagens, estão os dois protagonistas, Mariamar e Arcanjo Baleiro. Ambos são narradores-personagens, pois a obra se desenvolve a partir de seus escritos biográficos, apresentados de forma intercalada no romance. Os escritos da moça, intitulados *versão de Mariamar*, ainda que repletos de subjetividades, relatam os acontecimentos pela ótica local. A moça vive em Kulumani, aldeia onde se desenvolve a trama. De seu pertencimento à terra, resulta a intimidade com o espaço – o rio que cruza a vila, o mato, a aldeia – e com as tradições locais – a religiosidade, os costumes, a memória. Em contraposição, os escritos de Baleiro, *diário do caçador*, apresenta o olhar do viajante. O caçador de leões, proveniente da capital,

¹ Mestrando sob orientação Profa. Rosangela Sarteschi, Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa

lança mão de sua condição de estrangeiro para refletir sobre os insólitos episódios da aldeia.

O enredo se desenvolve assim em um pequeno povoado no interior de Moçambique onde mulheres começam a ser devoradas por leões. Uma empresa que está na região contrata os serviços de Arcanjo Baleiro para matar os animais que aterrorizam a comunidade isolada. Além do caçador, também é enviado para acompanhar a expedição um escritor de renome, Gustavo Regalo, que recebe a tarefa de registrar e reportar a caçada. Seguem também à pequena vila o administrador da província, Florindo Makwala, e sua esposa, Naftalinda. É importante ressaltar que o caçador Arcanjo Baleiro já estivera na aldeia dezesseis anos antes, ocasião em que salvara Mariamar de um estupro, na época uma jovem de dezesseis anos de idade. Desse encontro nasce uma paixão, no entanto, o caçador parte da aldeia, deixando Mariamar sem qualquer notícia ou explicação.

Já no tempo presente da narrativa, com o retorno do caçador, Mariamar é proibida de sair de sua casa. Enclausurada, passa a relatar suas memórias nos escritos da *versão de Mariamar*. A paralisia das pernas na adolescência, as histórias do avô Adjiru, a permanência na missão católica e os constantes acessos psicopatológicos são as principais substâncias desses depoimentos. Também Baleiro utiliza-se da escrita como meio para examinar o seu passado. A enfermidade mental do irmão, a paixão reprimida pela cunhada, Luzilia, e a morte do pai pelas mãos do irmão doente são elementos que carregam o *diário do caçador*.

Nas divagações de ambos os narradores convergem um tema comum ao utilizarem a escrita como forma mediadora entre suas pulsões íntimas e o mundo: o humano frente à morte e à insanidade. Na produção de Mia Couto, em geral, a morte é um episódio tratado com naturalidade, sem lugar especial à tristeza, não obstante, apareça ao lado da loucura em *A confissão da Leoa*. Os escritos de Baleiro explicam que o morto ainda é parte integrante da vida social, continuando a interferir nas regras dos vivos. Já a loucura, para o caçador, é a alienação plena e a verdadeira morte do sujeito social. No caso de Mariamar, a relação entre vida social e morte ganha outros sentidos. A moça vê a si mesma como alguém que nunca nasceu. Nascida já morta, desumanizada e desencontrada do meio social, persegue a sua própria humanidade reincidentemente negada por todos.

A condição de nascida morta não é exclusiva da protagonista. Constrói-se no romance o apagamento da existência feminina: a mulher, seja na realidade tradicional

ou no contexto do assimilado, sofre a subjugação por meio da exploração, da agressão física e psíquica e da anulação do direito à voz. A mãe de Arcanjo Baleiro é submetida a *kusungabanga*, isto é, costuram “a vagina da mulher com agulha e faca” (COUTO, 2012, p. 203) antes da emigração do marido para trabalhar. A narradora e suas irmãs são abusadas sexualmente pelo pai. Tandí, empregada do administrador da província, é violentada e morta pelos homens da aldeia por cruzar uma região proibida às mulheres. Todas são impedidas de frequentar a *shitala*, local de encontro dos homens na comunidade. Contudo, a primeira dama da província, Naftalinda, aparece então como a voz que confrontará esta realidade, denunciando em alto tom o crime cometido pelos homens e demonstrando publicamente que se opõe às regras de submissão impostas à mulher.

Já no caso da morte, esta possui um lugar significativo na memória das personagens. Os habitantes de Kulumani, ao serem interrogados sobre os eventos da guerra, mantinham silêncio. Arcanjo Baleiro esclarece o mutismo: “Onde há sangue não há palavra. O escritor [Gustavo Regalo] está a pedir aos mortos que mostrem as cicatrizes” (COUTO, 2012, p. 109). Todas as personagens do romance, tanto as originárias da aldeia como as da cidade, possuem a cicatriz comum da colonização e da guerra em suas memórias.

A morte, entretanto, na cosmovisão africana, pressupõe também o renascimento dentro do ciclo natural. Mariamar, que nunca nascera e que fora despojada de sua humanidade, recebe de sua mãe, Hanifa Assulua, a corda do tempo que até então lhe haviam negado. As mulheres da família contam os meses de gravidez dando nós no antigo artefato. À Mariamar é dada a sua condição divina no desfecho da narrativa. É detentora da criação da vida e do tempo. Talvez seja esta a razão da identidade de Deus ser concedida à mulher na introdução do romance.

COUTO, Mia. *A Confissão da Leoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.